

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

MARISA MERGENER

**O DESPERTAR DA LEITURA: OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO  
PARA CRIAR O GOSTO PELA LEITURA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA  
2015

MARISA MERGENER

**O DESPERTAR DA LEITURA: OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO  
PARA CRIAR O GOSTO PELA LEITURA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Alice Atsuko Matsuda

CURITIBA  
2015



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

**ALUNO: Marisa Mergener**

**Polo: Polo Treze Tílias**

**TÍTULO DA MONOGRAFIA:**

**O Despertar Da Leitura: Os Contos De Fadas Como Instrumento Para Criar O Gosto Pela Leitura.**

Esta monografia foi apresentada às **10:30:00 AM h** do dia **11/14/2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

|          |          |   |
|----------|----------|---|
| <b>1</b> |          | Aprovado  |
| <b>2</b> | <b>x</b> | Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador. |
| <b>3</b> |          | Reprovado   |

Professora Alice Atsuko Matsuda

UTFPR – PR

(orientador)

Prof. Joao Mansano Neto

UTFPR – PR

Professor Márcio Matiassi Cantarin

UTFPR – PR

**OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.**

## RESUMO

MERGENER, Marisa. **O despertar da leitura:** os contos de fadas como instrumento para criar o gosto pela leitura. Curitiba, 2015. 31 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

Neste trabalho, analisamos e discutimos a importância da leitura na vida dos alunos, que frequentam o 6º ano do Ensino Fundamental. Apontamos alguns pontos negativos que contribuem para o desinteresse das crianças pela leitura, principalmente, pelos contos de fadas, embora a leitura de contos seja importante para a formação da personalidade, nos aspectos cognitivos, sociais e psicológicos da criança, segundo Bettelheim (2002). Portanto, deve ser um gênero a ser trabalhado na escola pelos educadores, trazendo o conto para a realidade do aluno. Dessa forma, o presente artigo objetiva sugerir uma aplicação de uma sequência didática, aliando o Método Recepcional (AGUIAR; BORDINI, 1993), que propõe a execução de 5 etapas essenciais, para que o processo de aquisição da leitura seja significativo e prazeroso, e a Sequência Básica (COSSON, 2006), que busca, através do letramento literário, construir o processo de leitura. A sequência é voltada para o 6.º ano do Ensino Fundamental, partindo da leitura de contos de fadas. Como pressupostos teóricos, além dos autores mencionados, serão utilizados a Teoria da Estética da Recepção, de Jauss (1994), estudos sobre contos de fadas, de Bettelheim (2002), além de pesquisas sobre a Literatura Infantil e Juvenil, de Hunt (2010), Lajolo (1999), Coelho (2010), entre outros, objetivando apontar métodos que possam auxiliar os educadores a tornar o processo de aquisição da leitura mais significativa e prazerosa, assim como, levar o educando a “deixar” a zona de conforto e buscar ampliar seus horizontes.

**Palavras-chave:** Leitura. Contos de fadas. Formação do leitor.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                       | <b>5</b>  |
| <b>2 LEITURA E LITERATURA .....</b>                             | <b>7</b>  |
| 2.1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS .....                     | 13        |
| <b>3 LETRAMENTO LITERÁRIO .....</b>                             | <b>17</b> |
| 3.1 OS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA .....                    | 19        |
| <b>4 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM OS CONTOS DE FADAS</b> | <b>22</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                             | <b>27</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>29</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura desempenha um papel de destaque no processo de aprendizagem, por fazer parte do desenvolvimento e da formação do aluno, por isso deve ser desenvolvida de forma prazerosa e significativa.

A leitura possui várias funções, mas a principal é desenvolver e ampliar as competências que serão utilizadas no decorrer da sua vida. Segundo Percilia (2015), o processo de leitura é essencial para o desenvolvimento do “homem”, além de obter os conhecimentos necessários para sua vida, amplia seu vocabulário, auxiliando na criatividade e na produção, assim como, conhece as mais diversas culturas.

Atualmente, a educação vem passando por alguns obstáculos, em relação ao processo de aquisição de leitura, para que aconteça de forma mais significativa, pois uma das dificuldades encontradas é de transformar os alunos em assíduos leitores, ou seja, o despertar do interesse pela leitura está cada vez mais difícil, principalmente, no que diz respeito à literatura, já que disputa espaço com recursos tecnológicos, situações externas aos muros da escola. Mas destes, segundo Carvalho (Apud GOULART, 2012, p.1), a falta de incentivo das famílias é o fator que mais “pesa”.

Constata-se que os educandos estão, aos poucos, perdendo atração pela leitura, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Ibope Inteligência entre 2007-2011(GOULART, 2012) e, como consequência, estão sujeitos a apresentarem maiores dificuldades em interpretar, produzir, argumentar e criticar. Segundo os PCNs, um leitor competente é capaz de diferenciar aquilo que pode atender sua necessidade e o que não tem serventia nenhuma em sua vida, ou seja, não pode ser enganado com facilidade.

O contexto social desempenha um papel importante na vida dos educandos, pois exerce influência em seus hábitos, colaborando para o interesse ou a falta dele, em relação à aquisição da leitura, ou até mesmo em explorar novos horizontes, assim como, em outros aspectos da vida.

A necessidade em buscar novos métodos e adequá-los à realidade de cada classe faz do professor mais que um mediador do ensino, mas um “desbravador” de soluções, pois além de ensinar, é necessário que torne esse ensino atrativo e o adeque ao contexto de cada educando. Por isso, a escola, a família e a sociedade, também precisam auxiliar no processo de despertar o gosto e o interesse pelo mundo fantástico da leitura.

A criança, através da leitura pode “viajar” pelo mundo, conhecendo outras culturas e épocas, por isso, é imprescindível que os professores, escola, família e sociedade, busquem alternativas, para transformar o ato da leitura em algo prazeroso e significativo.

Ao observar a necessidade de suprir a defasagem dos alunos em relação à leitura, o presente estudo objetivou alguns métodos e maneiras de utilizá-los no processo de aquisição da leitura para alunos do 6<sup>a</sup> ano do ensino fundamental, com base na literatura dos contos de fadas, para tornar este processo um momento prazeroso e significativo.

O estudo propõe, além do Método Receptional (AGUIAR; BORDINI, 1993) e da Sequência Básica (COSSON,2006), sugestões e alternativas de leituras (principalmente de contos) e de atividades, que podem ser aplicadas de maneira lúdica, já que um dos problemas enfrentados pelos educadores diz respeito à “escassez” de tempo e recursos para transformar o momento da leitura em algo prazeroso, auxiliando na formação de leitores mais competentes.

Para essa pesquisa, embasou-se em estudiosos como Aguiar e Bordini (1993), quanto à organização do Método Receptional; Rildo Cosson (2006), quanto ao letramento literário e a sugestão da Sequência Básica; Hans Robert Jauss (1994), no estudo da Teoria da Estética da Recepção, assim como, outros teóricos e estudiosos: Peter Hunt (2010), Marisa Lajolo (1999), Nelly Novaes Coelho (2010), Bruno Bettelheim (2002), Antonio Candido (1972), entre tantos outros.

## 2. LEITURA E LITERATURA

Antes de tentarmos apontar as causas que levaram muitos estudantes a deixarem em segundo plano a leitura, é preciso entender o significado de leitura e literatura, para que assim possamos compreender o processo de aquisição dos mesmos.

A leitura (PCN, 1998), é muito mais que simplesmente decodificadora de símbolos ou rabiscos, tem uma função importantíssima no processo de aprendizagem, por isso, sua aquisição merece destaque, e ao mesmo tempo, é geradora de preocupação, já que uma população alfabetizada precisa entender o significado do que está lendo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 15), “a leitura possui uma função de extrema reverência no ensino-aprendizagem dos alunos, pois partindo do desenvolvimento de sua competência leitora poderá tornar-se competente em todas as disciplinas”.

Ainda, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.17), “a competência leitora do aluno será construída pelas práticas de leituras, que precisam iniciar na educação infantil e devem continuar nos anos iniciais do ensino fundamental”, para que esse processo seja completo e significativo.

Para Orlandi (1999), a leitura pode ser considerada como atribuição de sentidos e, por isso, necessita que sua efetuação seja realizada com atenção e compreensão, exigindo um esforço de quem a está praticando. Por isso a importância de desenvolver o interesse dos alunos pela leitura, já que só vamos atingir esses objetivos com a formação de assíduos leitores.

Sendo assim, “se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola”. (PCN, 1998, p.15).

Para Canuto, o desafio a ser driblado é:

Que para tornar os alunos em bons leitores, que desenvolvam muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de se mobilizar internamente, pois aprender a ler exige esforço. Tornar a leitura em algo interessante e desafiador é necessário para que os educandos possam entender que isso dará autonomia e independência. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática eficiente. (CANUTO, Apud PCN, 1998, p. 17)



Segundo Freire (2009, p.9), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Pode-se afirmar que no ensino da leitura, vários fatores influenciam esse processo. Para que tal processo ocorra, os educadores precisam desmistificar que a literatura, como os contos de fadas, seja modelo de conduta. Além disso, devem adaptar suas metodologias às novas “exigências”. Porém, é também essencial a participação da família e o interesse dos educandos.

Um dos desafios da educação, atualmente, além de “quebrar” com o paradigma que a literatura, principalmente, dos contos de fadas, seja explorada somente com o intuito de “educar” para as normas da sociedade, é preciso enfrentar, segundo Hunt (2010, p.93) “as más interpretações ou descompassos tanto de forma como de conteúdo” quanto à leitura desses textos.

Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Ibope Inteligência entre 2007-2011(GOULART, 2012), as crianças e adolescentes estão deixando de ler.

De acordo com o levantamento nacional, o número de brasileiros considerados leitores - aqueles que haviam lido ao menos uma obra nos três meses que antecederam a pesquisa - caiu de 95,6 milhões (55% da população estimada), em 2007, para 88,2 milhões (50%), em 2011. (GOULART, 2012, p.01)

A desvalorização dos profissionais da educação e a desestruturação da família acabam por influenciar ainda mais esse processo. Carvalho (Apud GOULART, 2012, p.01) afirma que, “uma das razões para a queda no hábito de leitura entre o público infanto-juvenil é a falta de estímulos vindos da família”, já que:

Se em casa as crianças não encontram pais leitores, reforça-se a ideia de que ler é uma obrigação escolar. Se existe uma queda no número de leitores adultos, isso se reflete no público infantil, diz a especialista. As crianças precisam estar expostas aos livros antes mesmo de aprender a ler. Assim elas criam uma relação afetiva com as publicações e encontram uma atividade que lhes dá prazer. (CARVALHO, Apud GOULART, 2012, p.01)

Nesse processo de “desgaste” da leitura, está ligada a qualidade da literatura que é oferecida às crianças. Segundo Bettelhein:

A pior característica destes livros infantis é que logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso ao significado mais profundo e àquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento. ( BETTELHEIN, 2002, p.5)

Através do contexto social, percebe-se que a escola desempenha um papel de formadores e, por isso, deve procurar proporcionar momentos lúdicos e atrativos, para que os educandos se sintam atraídos e que despertem o interesse de participar desse processo. A leitura só vai tornar-se algo prazeroso, quando seu processo for significativo, dentro de seu contexto, e que possa oferecer um mundo diferente.

Para Martins (2005), as leituras devem estar abertas permanentemente a inúmeros gêneros, de modo que permitam a fantasia e a consciência da realidade objetiva do leitor. Desta forma, segundo Bettelhein:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIN, 2002, p. 05)

Na busca pela maneira mais “correta” e “coerente” de se aplicar e explorar a literatura, vários pensadores como Vygotsky (1988) e Emília Ferreiro (1995), entre tantos outros, dedicaram-se a compreender o processo do ensino e da aquisição da leitura, e que métodos utilizar para que isto se torne algo prazeroso. Mas para que isso seja contextualizado, são necessárias várias ações em conjunto com todos os segmentos da sociedade que são responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, é importante destacar que os educadores precisam, segundo Aguiar e Bordini (1993), buscar métodos e aplicá-los de maneira significativa, dentro do contexto dos educandos, e que vão variar no ciclo de alfabetização, assim como de uma classe para outra, já que a realidade de cada grupo é diferente.

É importante ressaltar que o educador tem o papel mediador, pois pode ser o único a oferecer um mundo de experiências novas e diferentes, através da literatura infantojuvenil. Segundo Vygotski (1994, apud CRISTO, 2008):

A apropriação do conhecimento se efetiva a partir de interações recíprocas do ser humano com o mundo e que isso ocorre através de uma outra pessoa ou da linguagem, ressaltando a importância do papel do professor enquanto mediador e estimulador das interações. (VYGOTSKI, 1994, Apud CRISTO, 2008, p.08)

A literatura, segundo Hunt (2010, p.83), “é considerada a ‘mais elevada’, ‘mais densa’, ‘mais carregada’, ‘especial’. Considerando-a melhor que uma cultura pode oferecer”. Então, por que é difícil despertar nas crianças o gosto por esse tipo de leitura? As respostas talvez estejam no comentário do escritor Lewis (1966, apud HUNT, 2010):

Ao falar de livros que são “meras histórias” [...] praticamente todo mundo pressupõe que a “emoção” seja o único prazer que elas propiciam ou se destinam a propiciar. Emoção, nesse sentido, pode ser definida como alternância de tensão e relaxamento da ansiedade imaginada. É isso que eu acho que não é verdade. Em alguns desses livros, e para certos leitores, outro fator intervém [...]. Algo que as pessoas cultas recebem da poesia pode chegar às massas por meio das histórias de aventura e quase de nenhuma outra forma [...]. O re-leitor não está procurando surpresas concretas (que somente podem ocorrer uma vez), mas um certo “estado ideal de surpresa” [...] Deve-se entender que [...] o enredo [...] na verdade é apenas uma rede na qual se apanha algo mais. O verdadeiro tema pode ser, e normalmente é, algo que não tem sequência em si, algo mais que um processor e muito mais semelhante a um estado ou qualidade. (LEWIS, *Apud* HUNT, 2010, p. 85)

Então, a literatura necessita diversificar suas histórias, buscando algo “novo e diferente”. Pois segundo Candido,

A literatura possui um certo tipo de função psicológica. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que ao certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. A literatura é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal. (CANDIDO, 1972, p. 803)

Os leitores procuram por “novidades” e por algo que desperte a curiosidade em desvendar os mistérios da história e, por isso, exige que ocorra a diversidade nos temas e no processo de elaboração da leitura. Talvez a maneira que essas histórias são “exploradas”, seja uma das causas que levou a literatura, principalmente, os contos de fadas a “perderem” espaço na vida literária das crianças, pois Hunt afirma que:

[...] os adultos em geral leem livros infantis como se fossem para adultos. Se a leitura for motivada por algo que não o prazer, registraremos a presença do leitor implícito, mas ‘leremos contra’ ele – o que certamente explica o baixo status dos livros para as crianças. (HUNT, 2010, p. 79)

No entanto, outro ponto importante que contribuiu para a “negação” da literatura, principalmente, dos contos de fadas, está na maneira como é explorada. Segundo Candido (1972, p.84), “a sua função educativa [da literatura] é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista pedagógico [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica”, ou seja, a literatura não pode ser “usada” como tríade, para definir o que julga ser, verdadeiro, bom e bonito.

Na visão de Candido (1972, p.84), “dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e

de boa conduta”. Portanto, talvez tenha sido esse um dos erros cometidos, associados a outros, pelos educadores, quando passaram a usar os contos, com objetivo de “educar” as crianças, conforme o interesse da sociedade.

Hunt (2010) afirma que é importante saber explorar o momento da leitura, pois esse é outro fator que pode contribuir ou atrapalhar o interesse da criança pela literatura, principalmente, os contos de fadas, pois durante o ato da leitura, o leitor adulto precisa “lembrar” que as crianças necessitam de uma postura diferente. Segundo Hunt, (2010, p.80), “é por isso que o contexto da leitura – a atitude em relação ao texto, e os objetos que o circundam, o ‘pré-texto’ – é tão importante”, ou seja, a maneira como é explorada a literatura vai influenciar o “gosto” das crianças, seja para o bom ou para o mau.

Hunt, (2010, p.80) “um adulto lendo para uma criança, corre o risco de influenciá-lo na interpretação da leitura, por sua preferência pessoal para o uso que será dado ao texto e, talvez o mais fácil, a complexidade linguística”. Desta maneira, também é importante que o educador seja um leitor neutro e permita que o próprio ouvinte tire suas conclusões.

A “culpa” do “afastamento” das crianças e pré-adolescentes, em relação à literatura, mas especificamente dos contos de fadas, está na própria sociedade, é o que podemos constatar na citação de Hunt (2010):

Em termos diacrônicos, o conceito de infância é extremamente complexo e mal documentado. No passado, houve considerações radicais sobre a infância, da criança bom-selvagem, até a gerada em consequência do pecado. Em sociedade pobre, a infância como um estágio isolado de desenvolvimento dificilmente possível. E em outras sociedades que mal se pode dizer que exista. (HUNT, 2010, p.93)

Portanto, não é somente a criança a “culpada” pela “confusão” e o interesse pela leitura, já que Hunt (2010, p. 93-94) defende que, ”ao considerar a história dos livros para as crianças, o tipo de infância para qual se destinavam – ou seja, o tipo de infância por eles definido varia consideravelmente”

Mas os adultos têm uma parcela de contribuição, seja na família ou na escola, por conduzir muitas vezes de maneira errada e “apresentar” a literatura como algo desinteressante e desnecessário, pois segundo Hunt (2010, p.93) “a intromissão dos adultos são inevitáveis, e a literatura da criança pode não ser a mesma que a literatura para a criança”.

Para Candido (1988), a literatura desempenha papel importante na formação cultural da sociedade e de seus leitores, afirmando que:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso. De instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que

consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 1988, p. 175)

Atualmente, a literatura infantojuvenil vem ganhando espaço nas escolas, já que passou a ter uma nova concepção, mais coerente com a realidade atual, em que é essencial que seja significativa, criativa e faça parte do contexto dos educandos. Pois para Candido (1988, p.175), “ela, a literatura, tem o papel de formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade”, ou seja, faz com que aconteça uma relação entre a leitura e a realidade, contextualizando o enredo da história. Os contos de fadas possibilitam isso, pois, por meio deles, podem ser explorados os mais variados assuntos e é possível estabelecer uma ligação com o momento atual.

Portanto, Lajolo (1999, p.1), defende que “ler é essencial, a leitura literária também é fundamental”, é importante trabalhar com a literatura adaptada a cada faixa etária, neste caso, principalmente, a infantojuvenil. Além disso, Candido (1988), defende que o papel da literatura vai além de despertar o gosto pela leitura, possui três faces importantes que contribuem para a formação da criança, são:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1988, p. 176)

Sendo assim, educadores precisam pesquisar alternativas criativas, mas ao mesmo tempo significativas, para que a literatura infantojuvenil possa auxiliar a despertar o interesse pela leitura e contribuir na formação intelectual, já que:

A literatura infanto-juvenil é a porta de entrada ao mundo da leitura e da literatura, cuja compreensão consideramos a substância mais apurada do processo de leitura. O acesso a elas garante ao futuro leitor uma experiência que conduz ao processo crítico em níveis profundos, oportunizando uma integração ao mundo elitizado daqueles que dominam um dos mais complexos processos psicolinguísticos requeridos em nosso cotidiano. (FLECK, 2008; p. 13)

Coelho (2010, p.15) afirma que “a literatura tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”. Mas não podemos esquecer que a realidade onde está inserido esse leitor tem grande influência no processo de

leitura pois, talvez, o incentivo e o gosto deveriam partir da família, unida com a escola, assim como o acesso a boas leituras e a compreensão das mesmas.

Nessa perspectiva, segundo Paiva (2008), são as práticas sociais que influenciaram a leitura e que também sofrem influência das manifestações e mudanças do ato de ler.

Para Bettelhein (2002), os contos de fadas fazem a associação da fantasia com os problemas de ordem interna, o que acaba influenciando na resolução de situações difíceis em sua vida. Isso é confirmado quando ele afirma que:

Os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. (BETTELHEIN, 2002, p. 05)

Seguindo esta linha de pensamento, os contos de fadas “carregam” muito mais do que simples histórias para despertar o interesse das crianças e adolescentes pela leitura, são também importantes no processo da formação sentimental, auxiliando nos momentos de conflitos, que estão presentes nos contos. Desta maneira, é importante que os contos de fadas façam parte constante do momento da leitura dos alunos, principalmente, dos pré-adolescentes.

## **2.1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS**

Segundo Bettelhein,(2002), os contos de fadas desempenham papel importante na formação das crianças e da sociedade, desde os tempos primordiais, seja como meio de educar ou de ensinar. Ao passar dos anos, apresentaram momentos de aceitação e de rejeição, mas sempre marcando presença na vida dos leitores.

A história dos contos de fadas iniciou-se há muito tempo e por um longo período era utilizada de maneira oral, além de serem transmitidas de geração em geração. O seu surgimento escrito é datado por volta do século XVII, na França, segundo Canton (2010, p.01). Os contos de fadas, no início, eram utilizados pelos pais como forma de educar, pondo medo aos filhos, a fim de mantê-los longe dos perigos. Perez (2015, p.01) defende em seu artigo publicado na revista Brasil Escola que “o aspecto fantasioso e lúdico que hoje os envolve surgiu da necessidade de minimizar enredos controversos e polêmicos”, não eram escritos para crianças, por isso sofreram adaptações.

Com a divulgação de coletâneas de contos, oportunizou-se o “aparecimento” de alguns escritores considerados, até nos dias atuais, como os “pais” das histórias infantis, entre eles temos Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian e, conforme foi mencionado anteriormente, não eram lúdicos.

Os contos “infantis” só passaram a ter espaço, segundo Canton (2010):

No século XVIII que a criança começa a ser pensada como criança. A noção de criança começa a aparecer com essa intenção de sermos civilizados e com a separação do trabalho. Só no começo do século XX passa a existir uma produção realmente bacana para criança. (CANTON,2010, p.01)

As histórias ou contos apresentam algumas características, como o início e o fim serem sempre parecidos, assim como o enredo onde o bem e o mal disputam espaços e medem forças.

Entretanto, com o decorrer dos anos, os contos de fadas foram adaptados ao mundo das crianças, ganhando aspectos mais refinados, com o intuito de se tornarem muito mais que meras histórias com finais felizes, mas algo mais profundo que contribuísse para a compreensão da humanidade e que auxiliasse no próprio desenvolvimento. Bettelhein, sobre os contos de fadas afirma que:

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, *em* qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida em que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego. (BETTELHEIN, 2002, p. 06)

Atualmente, as histórias destinadas às crianças e aos pré-adolescentes não exploram problemas existenciais, não oportunizando momentos de vivências, para que consigam enfrentar e compreender situações difíceis, o que seria outro ponto positivo a favor dos contos de fadas, mas que foi deixado de lado. Bettelhein afirma que:

As estórias modernas escritas para crianças pequenas evitam estes problemas existenciais, embora eles sejam questões cruciais para todos nós. A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões e crescer a salvo para a maturidade. (BETTELHEIN, 2002,p.06)

Com a meta de atingir os percentuais estabelecidos para a educação, a escola não está tendo tempo para explorar e mediar os conflitos internos e, talvez, por isso que os contos de fadas não recebem mais a merecida atenção, “fugindo” do gosto dos leitores. No entanto, para Bettelhein, é essencial que se retome os estudos sobre os contos de fadas, pois neles vamos encontrar:

Simplificada todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. Ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. (BETTELHEIN, 2002, p.7)

Os contos de fadas, muitas vezes, são considerados “antigos” e talvez por isso tenham perdido espaço na hora da leitura. Entretanto, ao analisar os enredos, muitos tratam de assuntos bem presentes em nossos dias.

Segundo Bettelhein (2002, p. 07), “muitas histórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai; nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou o medo disto) ocorre na vida real”, em outros contos, trabalham com a questão do certo e do errado,

[...] a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas histórias de fadas a pessoa má sempre perde. (BETTELHEIN, 2002, p.07)

Assim, pode-se citar muitas outras formas de relacionar os contos com fatos da vida real. Ao explorar um conto de fadas, estará se oportunizando à criança o contato com uma leitura de fácil compreensão e, talvez, o mais importante, visto que a criança poderá usar os ensinamentos para resolver seus conflitos internos. Bettelhein cita que:

Os temas dos contos de fadas não são fenômenos neuróticos, algo que alguém se sente melhor entendendo racionalmente de forma a poder se livrar deles. Tais temas são vivenciados como maravilhas porque a criança se sente entendida e apreciada bem no fundo de seus sentimentos, esperanças e ansiedades, sem que tudo isso tenha que ser puxado e investigado sob a luz austera de uma racionalidade que ainda está aquém dela. Os contos de fadas enriquecem a vida da criança e dão-lhe uma dimensão encantada exatamente porque ela não sabe absolutamente como as histórias puseram a funcionar seu encantamento sobre ela. (BETTELHEIN, 2002, p.19)



Nota-se que os contos de fadas desempenham um papel fundamental na formação das crianças, só precisam ser “resgatados” e “trabalhados” de forma criativa e significativa, contextualizando a realidade com a fantasia, proporcionando momentos agradáveis e, assim, demonstrando que são importantes formas de leituras.

### 3. LETRAMENTO LITERÁRIO

No processo da aquisição da leitura, talvez o ponto “chave” para despertar o interesse das crianças pela literatura, mais especificamente dos contos de fadas, está nos métodos utilizados, já que estes podem contribuir, da mesma forma que podem “atrapalhar” esse processo.

Segundo Cosson e Junqueira:

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor. (COSSON; JUNQUEIRA, 2011, p.103)

Desta forma, além de resgatar o interesse pelos contos de fadas, é necessário que o educador esteja “preparado” para “explorar”, de maneira construtiva e significativa, contextualizando a história, para que as crianças possam compreender todo o processo e que, no final, possa contribuir para seu desenvolvimento intelectual, social e psicológico.

Cosson (2006, p. 103) sugere para os educadores uma sequência básica, para que o processo de aprendizagem seja significativo: “o professor precisa ficar atento ao processo de escolarização da literatura”, por isso é fundamental que haja “a leitura e o estudo dos textos literários em sala de aula” para que, num segundo momento, possa ocorrer “o ensino das estratégias de leitura, [em que] podem mostrar como leitores pensam enquanto leem”.

O conhecimento do texto e de como os alunos pensam no momento que estão processando a leitura é importante para o educador, para que este possa desenvolver com os educandos as setes habilidades ou estratégias de leitura citadas, segundo Cosson e Junqueira, (2011), por Pressley (2002):

Conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. As habilidades são colocadas em ação sem uma ordem específica e o professor agirá didaticamente, explicando-os conforme surgem no decorrer da leitura do texto. (PRESSLEY, 2002, Apud COSSON; JUNQUEIRA, 2011, p.104)

Segundo Cosson (2006), também é necessário levar em consideração, no processo da aquisição da leitura, o conhecimento prévio dos alunos, pois assim, o educador poderá associar o que os alunos já sabem, com conceitos novos. Desta maneira, o educador pode interferir na

interpretação, acrescentando perguntas mais complexas, “obrigando” o aluno a compreender o que lê e, assim, atingir por completo o processo de aprendizagem significativa.

Cosson e Junqueira afirmam,

O objetivo maior do letramento literário escolar ou do ensino da literatura na escola é nos formar como leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive, posto que [...] a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da língua quanto do leitor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos dizer e nos dizem de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e nós mesmos (COSSON; JUNQUEIRA, 2011, p. 104)

Também é necessário levar em consideração outros fatores importantes, que contribuem no processo de aquisição da leitura, da sua contextualização e da interiorização, que é o “horizonte de expectativa” dos alunos, ou seja, o interesse e a meta que cada um quer atingir. Segundo Aguiar e Bordini (1993, p.86), “o leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que povoa.”

Segundo nesta perspectiva, Aguiar e Bordini (1993, p. 91) apresentam o método recepcional, em sua aplicação didática, o qual divide-se em cinco etapas:

1) Determinação do horizonte de expectativas; 2) atendimento do horizonte de expectativas; 3) ruptura do horizonte de expectativas; 4) questionamento do horizonte de expectativas e 5) ampliação do horizonte de expectativas. (AGUIAR; BORDINI, 1993, p.91)

Para as estudiosas Aguiar e Bordini (1993), o educador, ao seguir esse método, poderá transformar o processo de aprendizagem em algo mais significativo para os alunos, já que são levados em conta aspectos fundamentais que compõem esse complexo processo de ensino aprendizagem.

Segundo as pesquisadoras (1993), no primeiro momento, ocorrerá um diagnóstico sobre os interesses literários dos alunos, no segundo será a vez de tentar atender a esses interesses, no terceiro haverá introdução de novas leituras, no quarto momento será realizada uma comparação entre o conhecido e o novo e no último haverá a discussão sobre os novos conceitos adquiridos com as experiências anteriores e possibilidade de leitura de textos mais complexos e de maior fôlego, ampliando o horizonte de expectativas dos alunos, que não finaliza ao findar as cinco etapas, mas tem continuidade em forma de espiral.

Enfim, o despertar do interesse pela literatura vai muito além dos livros, passa pelos métodos, pelas metodologias e, principalmente, pelo interesse dos educadores e educandos.

### 3.1 OS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA

O gênero contos deve fazer parte do ensino nas escolas, desde a educação infantil até o ensino médio, pois abordam temas, que podem ser contextualizados com situações enfrentadas no cotidiano e, desta maneira, pode tornar o processo de compreensão da leitura mais fácil.

Segundo Matsuda,

A concepção de arte literária está centrada na atuação do leitor, visa fazer com que o texto seja parte do processo de conhecimento e não uma entidade autônoma que não interage com o leitor, levando em conta como o espectador recebe a obra; deste modo, a análise torna-se viva, [...] (MATSUDA, 2008, p.93-94)

Para que a leitura aconteça de modo significativo e que ocorra em paralelo à realidade, enfim, contextualizando o assunto abordado. Segundo Aguiar e Bordini (1993, p.27), “é emergir num universo imaginário, gratuito, mas organizado, carregado de pistas as quais o leitor vai assumir o compromisso de seguir, se quiser levar sua leitura, isto é, seu jogo literário a termo”.

O processo de aquisição da leitura por meio da Teoria da Estética da Recepção, de Jauss (1994), do Método Receptional, de Aguiar e Bordini (1993) e a Sequência Básica proposta por Rildo Cosson (2006) busca proporcionar momentos em que os alunos, do 6º ano, ou em outros anos, de acordo com o perfil dos alunos, do ensino fundamental, possam construir o seu próprio conhecimento e despertar o gosto pela leitura, neste caso, por meio dos contos de fadas representados pelos contos *A Bela Adormecida*, de Charles Perrault (2010) e a *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti (2004).

Jauss (1994), traz em sua teoria, alguns pontos importantes, para um bom desenvolvimento do processo de aquisição da leitura. O autor defende que tanto o leitor quanto a leitura são os elementos importantes no processo literário.

No Método Receptional, de Aguiar e Bordini (1993), são abordadas algumas etapas necessárias para que o planejamento ocorra de maneira criativa e significativa.

Neste processo, a primeira fase, a determinação do horizonte de expectativas, é importante investigar o que os alunos já sabem sobre o assunto, ou seja, a “bagagem” que trazem da sua vida social, detectando os seus conhecimentos e suas defasagens. É o momento que se “conhece” as fragilidades e os interesses dos alunos.

A segunda etapa, o atendimento do horizonte de expectativas, é o momento que se “atende” os interesses dos alunos, portanto, é importante proporcionar momentos e atividades que os satisfaça.

A próxima fase, a ruptura do horizonte de expectativa, é oportunizado aos alunos a introdução de novos conceitos, para que possam sair da comodidade. Na quarta fase, o questionamento do horizonte de expectativas, é o momento em que o aluno é levado a questionar os “antigos” conceitos e se apropriar de “novos”, mesclando seu conhecimento.

E, por fim, a ampliação do horizonte de expectativas, etapa em que o aluno deve ser atentado a avaliar os seus conhecimentos e incentivado a buscar por “algo” avançado, sempre com objetivo de alcançar um patamar maior em sua aprendizagem. Nesse momento, o professor poderá proporcionar uma leitura de obra de maior fôlego, como um romance.

Para desenvolver a análise de uma obra de maior fôlego é interessante recorrer à Sequência Básica, sugerida por Cosson (2006), visto que há uma sistematização de etapas a seguir que auxilia na maior compreensão e interpretação do texto, levando o aluno ao letramento literário.

Segundo Cosson (2006), é necessário que o professor, ao planejar suas aulas fique atento a alguns aspectos básicos, para que o “trabalho” a ser desenvolvido seja significativo e prazeroso para os alunos. Por isso, sugere uma Sequência Básica, para tornar o ensino mais acessível, porém é necessária que sejam respeitadas e executadas as quatro etapas da sequência.

A primeira, a motivação, é o momento em que o educador precisa instigar o aluno sobre o assunto, mas de uma forma criativa e lúdica. Na segunda etapa, a introdução, é necessária fazer uma explanação sobre os aspectos básicos, apresentando o autor e a obra, quanto ao seu aspecto físico.

Na terceira etapa, a leitura, o professor indica a leitura ao aluno, mas é importante que o professor acompanhe essa leitura, fazendo a mediação no decorrer do processo, interferindo e permitindo que os educandos questionem e possam tirar dúvidas.

A última etapa, a interpretação, os alunos devem realizar as inferências das lacunas presentes no texto e decifrar as mensagens implícitas e explícitas na obra, assim como, tornar-se capaz de produzir, com novos conceitos e realizando o registro do conhecimento adquirido.

Para Cosson (2006), o registro é importante, pois é um momento em que o aluno pode fazer uma reflexão da obra lida e externalizá-la explicitamente, permitindo um diálogo entre leitores e a comunidade escolar. Além disso, a atividade pode ser publicada em *sites* ou

*blogs* da escola, enfim, divulgada de alguma forma para que outros tenham conhecimento dessa produção, além do professor.

Dessa forma, em seguida, será sugerida uma sequência didática para trabalhar o gênero contos de fadas, para uma turma de 6.º ano, tendo como base a Teoria da Estética da Recepção (JAUSS, 1994), o Método Receptivo (AGUIAR; BORDINI, 1993) e a Sequência Básica (COSSON, 2006).

#### **4. APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM OS CONTOS DE FADAS**

Para tornar o processo de aquisição da leitura, em um momento significativo, prazeroso e que possibilite a ampliação de conceitos e de horizontes, será sugerido uma sequência didática com os contos de fadas, pois, tal gênero, segundo Bettelheim (2002), além de auxiliar na formação da personalidade, também traz o mundo da ficção e da fantasia para sala de aula.

##### **a) Determinação do horizonte de expectativas.**

No primeiro momento do Método Recepcional (AGUIAR; BORDINI, 1993), determinação do horizonte de expectativa, é o momento em que o professor deve proporcionar aos alunos a oportunidade de falarem sobre o conhecimento que possuem sobre o assunto ou a leitura abordada.

Iniciar, questionando os alunos sobre o conhecimento que possuem sobre o tema – contos de fadas – partindo dos breves comentários sobre os vários livros de contos de fadas apresentados: Quais títulos conhecem? Quais preferem? Onde tiveram acesso aos contos? Vocês têm alguns desses títulos em casa? Quais? Qual é a opinião de cada um sobre os contos de fadas? Quais são as características dos contos de fadas? Quais são os atrativos dessas leituras? O que não gostam nesses contos? Quantos já leram? Quais gostariam de ler? Entre outras questões que achar pertinentes.

Após o debate inicial, o professor poderá fazer uma análise sobre os dados e, juntamente com os alunos, construir um gráfico com os resultados, para então dar início à exploração dos contos selecionados para serem desenvolvidos com a turma. Supondo que, nessa pesquisa, tenha sido escolhido o conto *A Bela Adormecida*, adaptação de Charles Perrault (2010), o professor então, poderá desenvolver toda a sequência a partir desse conto.

##### **b) Atendimento do horizonte de expectativas.**

Em seguida, na etapa do atendimento do horizonte de expectativas, já conhecendo as fragilidades e os interesses dos alunos, é importante proporcionar atividades que possam atender os seus interesses.

Ao trabalhar com o conto de fada *A Bela Adormecida*, o professor poderá explicar o contexto no qual foi escrito, a época, os ideais, a sociedade, a estrutura, enfim, repassar informações básicas sobre a obra e seu escritor.

Após a leitura individual e coletiva, fazer a interpretação oral e escrita do conto da *Bela Adormecida*. Pode-se solicitar que formem grupos e cada equipe elabore um cartaz, no qual aponte os pontos positivos e os pontos negativos encontrados nesse conto de fadas, que podem ser úteis nas suas vidas. Em seguida, cada grupo expõe para a turma.

Ao término das apresentações, verificar com os alunos quais foram os pontos mais apontados pelos grupos e discutir sobre os mesmos. Em seguida, como atividade, pode-se solicitar que os grupos reescrevam o conto *A Bela Adormecida*, substituindo os pontos negativos apontados, por aspectos que considerem positivos.

Ao concluir o processo anterior, cada grupo poderá dramatizar a releitura feita por eles sobre o conto *A Bela Adormecida*. Finalizando, cada grupo poderá avaliar e fazer um relatório, comparando o conto da versão original com as apresentações dos outros grupos, apontando os aspectos positivos e negativos.

### **c) Ruptura do horizonte das expectativas.**

Num terceiro momento, na etapa da ruptura do horizonte das expectativas, é oportunizado aos alunos a introdução de novos conceitos, para que possam sair da zona de conforto, da comodidade.

Para ampliar o conhecimento sobre os contos de fadas e despertar o gosto pela leitura, pode ser trabalhado o conto *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti (2004). Primeiramente, o professor poderá apresentar aos alunos somente a imagem do conto *A Moça Tecelã* e solicitar que observem e descrevam, oralmente, o que estão vendo. Em seguida, instigá-los a refletir sobre o que estão observando na imagem exposta e opinar num “possível” nome para esse conto.

Depois dessa atividade, poderia solicitar aos alunos para que leiam o conto. O professor pode apresentar aos alunos, por etapas, o livro *A Moça Tecelã*, fazendo uma análise aprofundada, oralmente, dos elementos narrativos do conto, da temática abordada, da construção literária, do diálogo entre o texto escrito e imagético, que compõem cada “parte” dessa história.

Após a discussão, solicitar aos alunos para que se dirijam até o laboratório de informática e façam uma pesquisa sobre o conto e tragam mais informações sobre a história e



a autora. Como sugestão, poderá indicar o site oficial da escritora: <http://www.marinacolasanti.com/>, ou ainda os sites: <http://www.escritas.org/pt/marina-colasanti> e <http://www.infoescola.com>> Biografias.

#### **d) Questionamento do horizonte de expectativas.**

Em seguida, na etapa do questionamento do horizonte de expectativas, o professor pode oportunizar aos alunos para que façam uma análise comparativa entre o conto *A Moça Tecelã* e *A Bela Adormecida*, apontando as diferenças e as semelhanças encontradas. Na análise, podem verificar o que cada conto tematiza, a mensagem que cada um quer transmitir, observando as semelhanças e as diferenças, além da aprendizagem adquirida.

Para finalizar, cada aluno, com base nos contos estudados anteriormente, escreverá seu próprio conto, levando em consideração as semelhanças e diferenças entre as duas histórias. Conforme já comentado anteriormente, o professor deverá retomar as características do conto de fadas, fazer a modelização, de forma que os alunos consigam realizar a produção solicitada.

Após analisar, discutir e produzir sobre os contos *A Bela Adormecida* e *A Moça Tecelã*, mencionados anteriormente, os alunos estarão preparados para avançar para um texto mais complexo. Dessa forma, será oferecida a leitura do livro *Ana Z, aonde vai você?* (2002), de Marina Colasanti, na etapa da ampliação.

#### **e) Ampliação do horizonte de expectativas.**

A próxima etapa, a ampliação do horizonte de expectativas, é a etapa em que o aluno deve ser atentado a avaliar os seus conhecimentos e ser incentivado a buscar por “algo” mais complexo, sempre com objetivo de alcançar um patamar maior em sua aprendizagem.

Nesse momento, o professor pode oferecer o livro *Ana Z, aonde vai você?* (2002), de Marina Colasanti. Para desenvolver um trabalho com essa obra, pode-se utilizar da Sequência Básica, sugerida por Cosson (2006). Ao seguir as etapas da sequência, como motivação, primeiramente, o professor pode mostrar às crianças algumas cenas do filme *Malévola* e também algumas cenas do filme *Alice no país das maravilhas*, a fim de que os alunos se sintam aguçados e motivados a buscar os filmes na íntegra, uma vez que, a partir disso, terão mais elementos para fazer a comparação entre a literatura escrita e a arte cinematográfica.

Em seguida, fazer a introdução da obra, apresentando, com o auxílio de multimídia, a capa do livro *Ana Z, aonde vai você?*, questionando os alunos sobre o que estão visualizando e do que será que se trata essa história, mas sempre motivando-os a pensar em outros contextos, além dos que estão habituados. Ao mesmo tempo em que vão expondo suas opiniões, o professor pode instigá-los a observar alguns tópicos que os alunos não tenham notado. Apresentar também aos alunos o contexto em que a obra foi escrita, assim como os aspectos e os objetivos que serviram como base para o enredo da história.

Cosson (2006) sugere também, a leitura e discussão das “orelhas” do livro e da contracapa. O estudioso comenta também a importância de apresentar a autora, verificando se algum aluno já leu algo da escritora.

Depois dessa apresentação, deverá ocorrer a leitura acompanhada e não “policuada”, de acordo com Cosson (2006), de *Ana Z, aonde vai você?* Assim, o pesquisador sugere que a leitura seja feita em intervalos, em que o professor vá mediando essa leitura. Portanto, primeiramente, os alunos podem realizar a leitura dos cinco primeiros capítulos da história, momento da primeira intervenção do professor, isto é, quando será promovida uma pausa, na qual haverá a discussão acerca do que foi lido, bem como será feita uma retomada das cenas já mostradas do filme *Alice no país das maravilhas*, tecendo os comentários essenciais para que os alunos percebam a intertextualidade ali presente.

Dando sequência à leitura, desta vez, os alunos poderão fazer a leitura dos próximos cinco capítulos. Após isso, haverá nova intervenção do professor. Nesta pausa, poderá ser feita uma discussão oral sobre os elementos marcantes desse trecho do livro. Como a história aborda diferentes culturas, sugere-se realizar uma espécie de resgate cultural dentro dos contos já trabalhados, ou seja, *A Bela Adormecida*, *A Moça Tecelã* e a história da própria Alice no país das maravilhas. A ideia é que os alunos façam uma comparação entre as diversas culturas apresentadas nos contos citados anteriormente, além de fazer um paralelo com sua própria cultura.

O próximo intervalo agora será a leitura dos próximos cinco capítulos. Feito isso, outra vez será realizada a intervenção do professor, que discutirá com as crianças sobre os aspectos que mais lhes chamaram a atenção durante o processo da leitura sobre a vida desses povos do deserto. Para finalizar essa etapa, de forma mais atraente, será apresentado um documentário, (Globo Repórter - Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã) a respeito da vida e da cultura dos povos que vivem no deserto.

Em seguida, será a vez da última intervenção por parte do professor, com a leitura dos próximos últimos cinco capítulos. Nesse momento, será discutida a história em seus

acontecimentos finais, a questão da volta de Ana Z e da bagagem de conhecimentos adquiridos por ela durante a viagem. Para encerrar o processo da leitura de *Ana Z, aonde vai você?* Poderá ser apresentada aos alunos uma música intitulada “O Portão”, de Roberto Carlos, na qual se enfatizam as boas lembranças do passado.

Finalizando, com o objetivo de realizar a interpretação geral, por escrito, poderá ser proposto aos alunos que se coloquem no lugar da personagem do livro *Ana Z, aonde vai você?* e produzam uma história em quadrinhos, retratando os lugares que eles gostariam de conhecer. Após a conclusão das histórias em quadrinhos, os alunos poderão também, como registro da aprendizagem, produzir uma resenha crítica da obra *Ana Z, aonde vai você?*, analisando a estrutura do texto, como a autora construiu a história, os intertextos presentes, enfim, o conhecimento adquirido com a leitura dos textos. A HQ como a resenha crítica podem ser disponibilizados em sites ou blogs da escola para que a comunidade escolar conheça o trabalho dos alunos.

Quando a sequência didática é realizada contemplando todas as etapas de forma lúdica, o aprendizado pode se tornar mais eficiente e prazeroso. Por isso, é de suma importância, que o educador, ao aplicar, deve conhecer, não somente o assunto abordado, mas também os seus alunos.

A proposta da aplicação da sequência didática, com base no Método Recepcional, de Aguiar e Bordini (1993) e da Sequência Básica, de Cosson (2006), quer possibilitar aos educadores uma alternativa para sua prática, na qual objetiva transformar as aulas em momentos atrativos e, como consequência, uma aprendizagem mais significativa, incentivando a busca por novos horizontes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aquisição da leitura requer atenção especial, pois nesta fase, a criança começa a determinar o gosto e o interesse pelos livros. A leitura, além de auxiliar na formação psicológica, intelectual e social do leitor, também contribui para o enriquecimento cultural. Por isso, é necessário, como foi citado no decorrer desse artigo, resgatar nas crianças o gosto pela leitura e, principalmente, pelos contos de fadas.

Os contos de fadas abordam problemas enfrentados diariamente pelas crianças, só que de uma maneira criativa, com princesas, heróis, bruxas e vilões. Por meio dos contos, o aluno pode aprender a lidar com situações que estão presentes no seu cotidiano e perceber que todos os atos possuem consequências, principalmente, quando agirem de forma “errada”, assim como nas histórias. Já que os contos trazem os mocinhos que fazem o bem e por isso têm um final feliz, e os vilões que tenta prejudicar os outros sempre acabam mal, demonstrando que a sociedade vai punir os que cometem infrações.

Desta forma, é importante que os educadores resgatem os contos de fadas e explorem de maneira criativa, contextualizando o enredo com a realidade dos alunos, não somente com o objetivo de auxiliar na sua formação, mas também com o intuito de despertar o interesse e o gosto pela leitura. No entanto, é essencial que os contos de fadas sejam explorados de forma planejada e coerente, para que seja significativo para o aluno e para sua vida.

Por isso, o professor que almeja “despertar” o gosto pela leitura em seus alunos, precisa seguir alguns pontos importantes, como a necessidade de conhecer e de planejar suas atividades de forma clara, objetiva e criativa. Desta maneira, o educador necessita se preocupar com a metodologia ideal para ser desenvolvida e quais as estratégias que se adaptam à turma e quais são as aprendizagens que desejam que os alunos atinjam ao término do desenvolvimento do projeto planejado. Somente assim, irá conseguir despertar o gosto dos educandos pela leitura e, neste caso, dos contos de fadas.

Somente com planejamento, objetividade, criatividade e contextualização, pode-se alcançar a meta de transformar o momento da leitura em algo prazeroso e significativo e assim despertar na criança o desejo de ler, ou melhor, de ler não, mas de viajar pelo mundo do faz de contas.

Enfim, é importante destacar que, para alcançar os objetivos propostos, foram necessários, entender o processo de leitura, a importância da literatura, principalmente, os contos de fadas. Para obter um dado mais concreto, seria interessante aplicar a sequência didática em uma turma, porém nesse momento não foi o objetivo da pesquisa. Dessa forma,

em uma próxima oportunidade, fica a sugestão da aplicação da sequência, por meio de um estudo de caso, para verificar a sua eficácia.

Conclui-se, ao término desse estudo, que os objetivos propostos para o desenvolvimento desse trabalho foram alcançados, já que foi possível elaborar uma sugestão de uma sequência didática que pode viabilizar a formação de um leitor mais competente, exemplificando de como aplicá-la em sala de aula. Acredita-se que tendo uma base teórica e uma metodologia que embasem o trabalho do professor é possível despertar o interesse dos alunos, como de um 6<sup>a</sup> ano do ensino fundamental, com a leitura de contos, principalmente, os de contos de fadas.

Com teoria e metodologias aplicadas de forma criativa e significativa, envolvendo os educandos no mundo literário, oportunizando a compreensão e a interpretação do processo de construção dos contos, que vão além das páginas de um livro, os resultados alcançados podem ser muito bons. No entanto, é importante observar que a formação do leitor é um processo a ser feito a longo prazo, no decorrer dos anos escolares.

Enfim, só teremos bons escritores e ótimos leitores se o professor souber mediar bem o trabalho com a leitura, trabalhando de forma sistematizada e objetivando a progressão do aluno, levando-o a ser um leitor mais maduro a cada obra trabalhada.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução Arlene Caetano 16 .ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 24, n.9, p. 803-809, set. 1972.
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura. In:\_\_\_\_. **Vários escritos**. 3.ed. ver. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p.169-191.
- CANTON, Kátia. A história dos contos de fada. **Carta Capital**. 2010. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental-arquivo/a-historia-dos-contos-de-fada>>. Acesso em: 01 dez. 2015.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2010.
- COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Ana Z, aonde vai você?**. São Paulo: Ática, 2002.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_; SOUZA, Renata Junqueira de. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In: **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos / Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2 ; 192 p. – (Curso de Pedagogia).
- CRISTO, Joaquina de Lima. **Estratégias para Despertar nos alunos o Gosto pela Leitura e assim, Formar Leitores para a vida Inteira**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/394-4.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2015.
- FLECK, Gilmei Francisco. O papel da literatura infanto-juvenil na formação do leitor. In: **Revista Língua & Literatura**. v. 10, 2007, Frederico Westphalen: URI, 2008, p. 13-27.
- FREIRE, Paulo Entrevista de Paulo Freire: Da leitura do mundo à leitura da palavra. Entrevista concedida a Ezequiel Theodoro da Silva. In: BORZOTTO, Valdir Heitor. (Org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

- GOULART, Nathalia. **Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas/>> . Acesso em: 29 nov. 2015.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura, para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LEWIS, 1966, apud HUNT, 2010. **Crítica, teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MATSUDA, Alice Atsuko. Tecendo aula de português. In \_\_\_\_\_. SILVA, Vanderléia da. (Org.). **Educação Literária em foco: entre teorias e práticas**. Grupo de pesquisa CRELIT-UENP-CP, 2008. Disponível em: <http://www.faficop.br/dirposgrad/crelit/docs/eb-educliter.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2015.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Significação, leitura e redação. In: \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- PAIVA, Fabrícia Vellasquez. **A leitura infanto-juvenil na formação social do leitor: a voz do especialista e a vez do professor nos discurso do PNBE 2005/ Fabrícia Vellasquez Paiva**. Rio de Janeiro: UFRJ, FE,2008.
- PERCILIA, Eliene. **Literatura: histórias dos contos de fadas**, 2015. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm/>>. Acesso em: 02 jun.
- \_\_\_\_\_. "A Importância da Leitura"; **Brasil Escola**, 2015. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/ferias/a-importancia-leitura.htm>>. Acesso em 27 nov. 2015.
- PEREZ, Luana Castro Alves. "História dos contos de fadas"; **Brasil Escola**, 2015. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2015.
- PERRAULT, Charles. **A bela adormecida**. Adaptação de Scipione. São Paulo: editora Scipione, 2010.
- PRESSLEY, 2002, apud COSSON; JUNQUEIRA, 2011. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In: **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos / Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2 ; 192 p. – (Curso de Pedagogia).

REDE Globo. **Globo Repórter** - Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/globo-reporter/v/beduinos-nomades-mostrar-como-vivem-no-deserto-de-oma>>. Acesso em: 2 jun. 2015.